DISSOCIAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE EM PERFECT BLUE (1997): UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Caroline S. Dias, Marcela B. Fernandes, Lauro Take Tomo Veloso.

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, carolinedias317@gmail.com, marcela.bfernandess@gmail.com, lauro.taketomo@univap.br.

Resumo

O presente artigo analisa o filme Perfect Blue (1997), dirigido por Satoshi Kon, sob a ótica da psicanálise, focando na fragmentação da identidade e nos fenômenos dissociativos vivenciados pela protagonista Mima Kirigoe. A transição de Mima, de uma carreira como idol da música pop para a atuação profissional em produções dramáticas, é investigada como uma crise subjetiva desencadeada pela perda das coordenadas imaginárias que sustentavam seu Eu. O estudo busca compreender como a pressão da indústria do entretenimento e o olhar persecutório do público mobilizam a cisão do Eu, episódios de amnésia e despersonalização. Para isso, articula-se o conceito lacaniano de estádio do espelho com as elaborações freudianas sobre o Inquietante (Unheimlich), o fenômeno do Duplo e a compulsão à repetição. Discute-se, ainda, a clínica contemporânea marcada pelos excessos pulsionais e pelo trauma não elaborado, ilustrada tanto pelo colapso de Mima quanto pela fusão narcísica melancólica da personagem Rumi com a imagem idealizada da artista. Conclui-se que a animação funciona como uma alegoria da desintegração psíquica frente às exigências de autoimagem no mundo contemporâneo, onde a reintegração da subjetividade só se torna possível mediante o reconhecimento da própria falta e a recuperação da autoria sobre o desejo.
Palavras-chave: Dissociação. Identidade. Psicanálise.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, Psicologia

Introdução

O longa-metragem animado Perfect Blue (1997), primeiro filme do diretor japonês Satoshi Kon, é considerado um marco do thriller psicológico na animação. Ambientado no Japão do final dos anos 1990, período marcado pelo crescimento da cultura otaku, da indústria de idols e pela popularização da internet, o filme acompanha o colapso psíquico e a perda de identidade da protagonista Mima Kirigoe. No início da história, Mima é vocalista do grupo de música pop infantil “CHAM!”, no qual mantém uma carreira estável sustentada por uma imagem pública de inocência, doçura e pureza. Pressionada por seus empresários e desejando amadurecer profissionalmente, ela decide deixar a música para seguir a carreira de atriz, aceitando um papel secundário em uma série policial de televisão voltada ao público adulto, intitulada Double Bind.

Essa mudança marca o início de uma intensa crise subjetiva. Para se estabelecer como atriz e se afastar da imagem infantil de idol, Mima passa a aceitar exigências cada vez mais intensas da indústria do entretenimento, entre elas a gravação de uma cena de estupro simulado para a série e a realização de um ensaio fotográfico nua. A rotina exaustiva, somada à ruptura com sua antiga imagem pública, contribui para o surgimento de episódios de amnésia, despersonalização e alucinações (Villeneuve; Puspitasari; Kadafi, 2023). A tensão aumenta quando surge Me-Mania, um stalker obcecado e violento que passa a persegui-la. Ao mesmo tempo, Mima descobre um site chamado “O Quarto de Mima”, no qual um autor anônimo descreve seus passos, sua rotina e seus pensamentos íntimos com uma precisão assustadora, como se existisse uma “Mima verdadeira” vivendo uma vida paralela.

Sob a perspectiva da psicanálise, essa crise pode ser compreendida a partir do conceito de “Estádio do Espelho”, desenvolvido por Jacques Lacan (1998). Para a psicanálise, o “Eu” ou Ego não nasce pronto, mas se constrói a partir da relação da criança com a própria imagem. Ao reconhecer seu reflexo no espelho, a criança se identifica com uma imagem unificada de si, que contrasta com sua experiência de fragilidade e falta de controle sobre o próprio corpo (Faustino; Falek, 2014). Em Perfect Blue, a

persona “Mima-idol” funciona de maneira semelhante a essa imagem, oferecendo uma sensação de unidade e segurança sustentada pelo olhar do outro. Quando essa imagem é rompida, o Eu de Mima também passa a se desestabilizar.

A investigação se justifica por sua relevância para a psicologia clínica contemporânea, que tem lidado cada vez mais com aquilo que Lazzarini e Viana (2006) chamam de “clínica dos excessos”. O filme antecipa questões que permanecem presentes atualmente, como a exposição nas redes virtuais, o sofrimento relacionado às exigências sobre a própria imagem e os fenômenos dissociativos. Na psicanálise, a dissociação e a cisão do Eu (Spaltung) podem ser compreendidas não apenas como manifestações de adoecimento, mas também como respostas defensivas diante de experiências difíceis de suportar. Nesses casos, o psiquismo fragmenta a consciência como uma forma de afastar dores que não consegue elaborar ou colocar em palavras (Câmara, 2011).

Metodologia

Este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa de caráter analítico e interpretativo, desenvolvida a partir do estudo do filme Perfect Blue (1997), dirigido por Satoshi Kon, e de sua articulação com a teoria psicanalítica. Para fundamentar a discussão, foi realizada uma revisão bibliográfica focada em conceitos das obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan, principalmente o estádio do espelho, o estranho ou infamiliar (Das Unheimlich), a figura do duplo, o narcisismo, os fenômenos dissociativos e a compulsão à repetição.

A análise da obra foi feita com base na reconstrução da história e na interpretação de cenas visuais marcantes da animação, como o uso constante de espelhos, vitrines, telas de computador, televisões e o cruzamento entre sonho, gravação e realidade. Ao conectar esses elementos estéticos com a teoria, buscou-se compreender como a trajetória da protagonista reflete os mecanismos de defesa diante do trauma e dos excessos da cultura contemporânea.

Resultados e discussão

A fragmentação do Eu e a alienação na imagem idealizada

Para compreender o colapso de Mima Kirigoe, é importante analisar como a psicanálise entende a formação da identidade. Na teoria de Jacques Lacan (1998), o “Eu” não é uma estrutura inata ou biológica, mas uma construção imaginária que se forma na infância por meio do “Estádio do Espelho”. Antes desse momento, a criança percebe seu corpo como fragmentado e sem controle. Ao reconhecer seu reflexo no espelho e receber a confirmação dessa imagem pelo olhar dos pais, ela passa a se identificar com uma imagem externa unificada, criando a sensação de ser um indivíduo completo e integrado (Lazzarini; Viana, 2006). Lacan chama essa imagem de “armadura ortopédica”, uma ficção necessária que encobre as fragilidades e limitações do corpo.

No filme, a persona “Mima-idol” cumpre justamente esse papel de armadura imaginária. Enquanto usa os figurinos infantis e coloridos do grupo “CHAM!”, Mima é vista pelos fãs como um símbolo de pureza e perfeição, o que contribui para sua sensação de segurança e completude. No entanto, quando abandona a carreira musical para atuar na série policial “Double Bind”, essa sustentação imaginária começa a se romper. A mudança exige que Mima deixe para trás a imagem de inocência e assuma uma sexualidade adulta para a qual ainda não estava preparada.

Essa ruptura se aprofunda quando Mima descobre o site “O Quarto de Mima”. Alimentado pelo stalker Me-Mania, o site funciona como um diário virtual que registra detalhes de sua rotina, desde qual pé ela coloca no chão ao levantar até o que compra no mercado. Na psicanálise, o “Outro”, escrito com letra maiúscula, representa o campo da cultura, da linguagem e das relações sociais, além do olhar dos outros que participa da constituição do sujeito. Para Mima, a internet transforma esse olhar do Outro em uma presença invasiva e ameaçadora. O site passa a funcionar como um espelho independente e perturbador, que parece determinar quem ela “realmente” é e retira dela o controle sobre sua própria imagem (Faustino; Falek, 2014).

A perda de controle sobre a própria imagem contribui para o surgimento da despersonalização, um estado em que a pessoa pode sentir estranhamento em relação ao próprio corpo e à própria imagem, como se não conseguisse mais se reconhecer. Esse processo de invasão psíquica culmina na exteriorização do Superego, entendido como uma instância que exerce uma função de julgamento e

cobrança sobre o sujeito (Zuanella, 2020). O site e as mensagens do stalker dão forma à voz punitiva do Superego de Mima, que a acusa constantemente de ser uma “traidora” e de ter “sujado” sua imagem pura.

O ponto de ruptura ocorre durante a gravação da cena de estupro simulado para a série “Double Bind” e no ensaio de fotos nua para uma revista. A dor, a vergonha e o constrangimento ultrapassam aquilo que Mima consegue suportar psiquicamente, caracterizando uma experiência traumática (Câmara, 2011). Diante de uma realidade insuportável, o Eu se afasta da realidade concreta como uma tentativa de proteger o psiquismo (Freud, 1924/1972). A ruptura da imagem unificada coloca Mima novamente diante da angústia do “corpo despedaçado”, associada à experiência de um corpo vivido como fragmentado. A partir desse momento, ela passa a ter alucinações recorrentes nas quais vê uma versão de si mesma como “Mima-idol”, usando a roupa dos shows, rindo e flutuando no ar. Essa alucinação mostra como a tentativa de manter uma identidade rígida, construída a partir do desejo e do olhar do Outro, pode prender o sujeito em uma posição de alienação e dificultar a construção de uma relação própria com sua identidade (Lais, 2024).

O duplo e o inquietante (*Das Unheimlich*): o reflexo persecutório

Para traduzir visualmente o processo de dissociação do Eu, Satoshi Kon emprega reflexos em janelas de trem, monitores de computador, telas de TV, espelhos de camarim e poças d'água. Segundo D’Agord et al. (2013), o fenômeno do duplo envolve uma experiência subjetiva na qual o sujeito passa a perceber a si mesmo como um outro estranho, fazendo com que os limites entre a percepção e a imaginação se esvaziem. Diante dessas superfícies, Mima deixa de encontrar uma simples imagem reflexa e passa a encarar uma versão de si que possui movimentos e expressões independentes, rompendo com a função estruturante do espelho (Schargel, 2020).

Essa fragmentação adquire traços nitidamente contemporâneos através do excesso de telas e da exposição constante da imagem na cultura da mídia. De acordo com Macedo (2020), o sujeito pós-moderno é constantemente convocado a produzir máscaras sociais para responder às demandas do mercado e ao olhar do Outro, gerando uma clivagem dolorosa entre a vivência íntima e a imagem exposta. Santos (2020) aponta que a distorção da própria imagem reflete a fantasia narcísica de um corpo sem falhas. Quando o sujeito falha em sustentar esse ideal, o reflexo deixa de ser um porto seguro e se converte em um juiz implacável.

A "Mima-idol" que passa a perseguir a protagonista atua como a personificação do Superego em sua face mais cruel e punitiva. Se, por um lado, o Ideal do Eu oferece um modelo a ser seguido, por outro, o Superego infantilizado condena Mima por ter "vendido sua alma" e exposto seu corpo à vulgaridade. Conforme assinala Schargel (2020) sobre o mito do Doppelgänger na literatura, a figura do sósia que ganha vida encarna a censura moral e o sentimento de culpa. A "Mima-idol" surge para castigar a Mima atriz por sua ousadia em desejar crescer e se emancipar (Zuanella, 2020).

Essa dinâmica manifesta o conceito freudiano de Infamiliar ou Inquietante (Das Unheimliche). Freud (1919/2010) explica que o afeto de inquietude não é produzido por algo completamente novo ou desconhecido, mas sim por algo que era profundamente íntimo e familiar que sofreu repressão e, de repente, retorna à consciência. A "Mima-idol" causa horror justamente porque representa a versão perfeita e inocente que Mima conhecia tão bem e que julgava ter deixado para trás. A própria raiz da palavra alemã Unheimlich aponta para aquilo que deveria ter permanecido oculto no lar (Heim), mas veio à tona, desestabilizando as fronteiras entre a fantasia inconsciente e a realidade material (Souza, 2008).

A crise dissociativa atinge sua tensão máxima ao revelar que essa projeção não ocorre apenas na mente da protagonista, mas ganha corpo concreto através de Rumi, sua empresária e ex-idol, que assume fisicamente a identidade da "Mima-idol". Na ausência de uma mediação simbólica capaz de balizar os limites do sujeito, o reflexo descola-se da mente e torna-se um duplo real e assassino (D’Agord et al., 2013). A virada subjetiva do filme ocorre apenas no clímax, quando Mima consegue derrotar essa projeção e, ao olhar para o espelho retrovisor do carro após o trauma, afirma com firmeza: "Eu sou real". Essa fala representa a integração simbólica da imagem: Mima deixa de ser o objeto passivo do olhar alheio e assume a autoria de sua própria existência e de suas imperfeições (Lais, 2024).

A repressão e o retorno do recalcado na figura de Rumi

Se Mima vivencia um processo de dissociação com possibilidade de cura, a personagem Rumi encarna o desfecho trágico da desintegração identitária. Ex-cantora pop que não obteve sucesso no passado e agora atua como empresária e figura materna de Mima, Rumi não suporta ver a jovem abandonar a carreira de idol. Incapaz de processar o envelhecimento e o fracasso de suas próprias aspirações, Rumi desenvolve um quadro grave de transtorno dissociativo de identidade e amnésia lacunar, esquecendo sua existência como mulher adulta para submergir totalmente no delírio de que ela própria é a "verdadeira Mima".

Sob a ótica da metapsicologia freudiana, esse processo evidencia a falha dos mecanismos de defesa do Ego diante do trauma. Freud (1896/1972) postula que a neurose e as manifestações sintomáticas surgem quando o recalque falha em manter os conteúdos insuportáveis no inconsciente, permitindo que eles retornem à consciência de forma distorcida e obsessiva. Em Rumi, a impossibilidade de aceitar a sexualização de Mima e o fim do grupo "CHAM!" faz com que o desejo reprimido de ser adorada retorne na forma sintomática de uma dupla personalidade assassina. Como afirmam Faustino e Falek (2014), a identificação primitiva envolve a tentativa de devorar e incorporar o objeto amado ao próprio Eu.

O desmoronamento das fronteiras entre o Eu e o objeto em Rumi ilustra com precisão a metapsicologia da melancolia. Conforme postula Freud (1919/2010) em Luto e Melancolia, quando o sujeito sofre a perda de um objeto amado ou de um ideal abstrato sem conseguir realizar o luto, a energia afetiva (libido) não é redirecionada para o mundo externo, mas recua para dentro do Ego. Freud sintetiza esse movimento com a célebre formulação: "a sombra do objeto caiu sobre o ego". Em decorrência disso, o Eu passa a ser julgado e atacado pela instância crítica como se fosse o próprio objeto perdido. Em Perfect Blue, Rumi recusa o luto pela perda da Mima-idol; em vez disso, ela se veste com os antigos figurinos de cantora, imita sua voz infantilizada e passa a atuar como a "Mima pura", assassinando brutalmente os fotógrafos e roteiristas que tentaram "contaminar" a imagem da jovem.

Essa fusão narcísica melancólica culmina em uma agressividade destrutiva direcionada à Mima real. Como observam Villeneuve, Puspitasari e Kadafi (2023), o delírio de Rumi exige a eliminação física da Mima atriz, pois a existência de uma Mima adulta e sexualizada desmente a ficção psíquica que sustenta a sanidade de Rumi. Segundo Lacan (1998), a imagem alienada do espelho pode se transformar em uma "armadura" rígida que, sob a pressão intolerável do real, estoura em violência narcísica. Rumi torna-se o exemplo acabado de como a recusa da castração e a incapacidade de aceitar a perda de um ideal podem conduzir à loucura e à tentativa de aniquilação do outro.

Compulsão à repetição, realidade psíquica e o olhar do Outro

Um dos recursos narrativos mais brilhantes de Perfect Blue são as sequências montadas em ciclo: Mima acorda sobressaltada em seu apartamento bagunçado, realiza sua rotina matinal, pega o trem para o trabalho e, de repente, descobre que esse despertar era apenas um sonho, uma cena gravada para a TV ou uma alucinação dentro de outra alucinação. Esse efeito de repetição em abismo articula-se diretamente ao conceito freudiano de compulsão à repetição. Vicentin e Almeida (2019) explicam que a compulsão à repetição é uma força pulsional que opera para além do princípio do prazer, levando o sujeito a reencenar situações dolorosas. Para Caropreso e Simanke (2006), essa repetição contínua reflete a tentativa desesperada do aparelho psíquico de dominar, ligar e metabolizar uma quantidade maciça de excitação traumática que ultrapassou suas defesas. Mima repete o ciclo do despertar porque sua mente ainda não consegue elaborar as violências simbólicas do novo trabalho e diferenciar a realidade do pesadelo.

Essa confusão entre a vida privada e o roteiro da série Double Bind ilustra a prevalência da realidade psíquica sobre a realidade material. Conforme destaca Câmara (2011), a partir de Freud (1917), para a psicanálise, os desejos, fantasias e temores inconscientes do sujeito possuem uma verdade e uma força operatória tão reais quanto os fatos objetivos. Quando Mima interpreta na TV uma personagem traumatizada que sofre de desordem de identidade após um abuso, as falas do roteiro passam a se entrelaçar com seus próprios medos inconscientes. Ela passa a duvidar se os assassinatos dos membros da equipe de produção cometidos por Rumi e Me-Mania não teriam sido praticados por ela própria durante seus episódios de amnésia dissociativa.

A intensificação dessa fragmentação está intrinsecamente vinculada à dimensão do olhar na psicanálise. Lazzarini e Viana (2006) apontam que a constituição de uma imagem corporal integrada

depende do olhar do Outro (a mãe, a família, a sociedade), que investe afeto e significação sobre o corpo do sujeito. A identidade de Mima foi inteiramente forjada pelo olhar voyeurista e idealizador de seus fãs, que demandavam dela uma postura infantil e pura. Ao romper com essa imagem para posar nua e interpretar cenas violentas, Mima perde o sustentáculo desse olhar idealizador sem ter tido tempo de construir um desejo próprio. Privada dessa validação externa, sua identidade se despedaça em múltiplos fragmentos refletidos pelas câmeras, lentes e telas (Lazzarini; Viana, 2006).

A perseguição do stalker Me-Mania e o voyeurismo promovido pelo site "O Quarto de Mima" evidenciam a transformação do olhar do Outro em uma presença persecutória e devastadora (Lais, 2024). A indústria do entretenimento reduz o corpo da protagonista a um mero objeto de consumo e descarte. Como aponta Lais (2024), essa objetificação constante favorece a cisão psíquica e o distanciamento da personagem em relação às suas próprias emoções, consolidando o quadro de processos dissociativos.

A resolução desse colapso psíquico exige aquilo que Freud denominou como o processo de "recordar, repetir e elaborar". Como explicam Vicentin e Almeida (2019), a compulsão à repetição só perde seu caráter destrutivo quando o sujeito consegue simbolizar o trauma e dar-lhe um novo sentido. No desfecho do filme, ao confrontar fisicamente seu stalker e resgatar Rumi de seu delírio, Mima deixa a posição de vítima passiva e estabelece um limite claro ao olhar invasivo do Outro. Ao assumir suas cicatrizes e declarar sua própria realidade diante do espelho, Mima integra suas vivências fragmentadas e recupera a autoria sobre seu corpo, sua história e seu desejo (Lais, 2024).

Conclusão

A análise do filme “Perfect Blue” sob a ótica psicanalítica demonstra que o valor duradouro da obra de Satoshi Kon reside na sua recusa radical em oferecer respostas simplistas ou um desfecho apaziguador para o espectador. Ao borrar deliberadamente as fronteiras entre a percepção subjetiva da protagonista e a realidade objetiva dos fatos, o filme utiliza a própria linguagem cinematográfica para provocar no público uma experiência direta de estranhamento e infamiliaridade (Unheimlich). As ambiguidades da narrativa não constituem falhas de roteiro, mas configuram o próprio dispositivo analítico da obra, forçando o espectador a abdicar da posição de mero voyeur e a encarar a complexidade do colapso identitário.

Conclui-se que a obra transcende o estudo de caso individual para se consolidar como uma crítica contundente à cultura da hiperexposição e do consumo de imagem. Em um cenário social que exige a exibição de personas perfeitas e sem falhas, os fenômenos dissociativos surgem como a denúncia do esgotamento do sujeito diante das exigências do Ideal do Eu. A trajetória de Mima ensina que a conquista de uma identidade autêntica não passa pela busca de uma perfeição narcísica ilusória, mas sim pela aceitação da própria castração, das imperfeições e do caráter inacabado do desejo humano.

Referências

CÂMARA, G. O trauma, a fantasia e o édipo. **Cógito**, Salvador, v. 12, p. 57-61, 2011. Disponível em: https://pepsic.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792011000100011. Acesso em: 16 set. 2026.

CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. **Psychê**, São Paulo, v. 10, n. 18, p. 55-68, jan./dez. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/agora/a/3zKq8b866KQmqkNzV6YCHnL/?lang=pt. Acesso em: 2 set. 2026.

D’AGORD, M. R. L.; BARBOSA, M. R. O.; HASAN, R.; NEVES, R. C. O duplo como fenômeno psíquico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 414-427, set. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/j/rlpf/a/DPW4Zc9myQ6yp9LYNpCGG7c/?lang=pt. Acesso em: 2 set. 2026.

FAUSTINO, D. D.; FALEK, J. A originalidade e a origem do estádio do espelho em Lacan. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 465-481, 2014. Disponível em: https://pepsic.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000300006. Acesso em: 2 set. 2026.

FREUD, S. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924). In: FREUD, S. **O Ego e o Id, "Uma autobiografia" e outros trabalhos (1923-1925)**. Tradução de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 229-239. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19).

FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917). In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.XVII.
FREUD, S. Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa (1896). In: FREUD, S. **Primeiros escritos psicanalíticos (1893-1899)**. Tradução de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 183-199. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 3).

FREUD, S. Luto e melancolia. In: **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 128-144. (Obras completas, v. 12).

FREUD, S. O inquietante (1919). In: FREUD, S. **História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 328-376. (Obras completas, v. 14).

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 96-103.

LAIS, B. Perfect Blue: o declínio da identidade. **Revista Especular**, set. 2024. Disponível em: https://www.revistaespecular.com.br/post/perfect-blue-o-decl%C3%ADnio-da-identidade. Acesso em 2 set. 2026.

LAZZARINI, E. R.; VIANA, T. C. O corpo em psicanálise. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 241-250, mai./ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/bVjD4hvChNCWssn8jbd5pSM/?lang=pt. Acesso em: 3 set. 2026.

VICENTIN, E. C.; ALMEIDA, R. M. Pulsões de vida, pulsões de morte e compulsão à repetição. **Helleniká - Revista Cultural**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 55-68, jan./dez. 2019. Disponível em: https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/hellenika/article/view/72. Acesso em 3 set. 2026.

VILLENEUVE, B. C.; PUSPITASARI, D.; KADAFI, M. Dissociative identity disorder in the characters Mima and Rumi from Satoshi Kon's Perfect Blue. **Japanese Research on Linguistics, Literature, and Culture**, v. 6, n. 1, p. 31-52, 2023. Disponível em: https://publikasi.dinus.ac.id/jrllc/article/view/9056. Acesso em: 3 set. 2026.